



centro budista tibetano

Kagyü Pende Gyamtso

Sob a autoridade espiritual de Kyabje Kalu Rinpoche

AS MULHERES, OS SIDDHIS, O DHARMA

Kyabje Kalu Rinpoche



www.kalu.org.br

Kyabje Kalu Rimpoché

AS MULHERES, OS SIDDHIS, O DHARMA

Mulheres e homens, crianças e adultos, todos compartilham, em certa medida, as oportunidades e as liberdades da condição humana. Os animais e os seres que se encontram em outros estados de existência são, ao contrário, privados destas faculdades. É precisamente a possibilidade de poder praticar o Dharma que distingue a condição humana da condição dos animais (carnívoros selvagens da floresta, criaturas das profundezas do mar ou insetos).

Mesmo entre os humanos, as capacidades de reconhecer e de utilizar esta oportunidade são extremamente variadas. A melhor forma de renascimento humano é chamada de preciosa. É aquela que faculta à pessoa que a possui, homem ou mulher, a possibilidade de dar um sentido à sua vida. Isto nada tem a ver com a posição social ou com outros critérios de que nos utilizamos para julgar as pessoas. Pouco importa, de certa forma, que sejamos homem ou mulher. A única coisa que conta é de saber se apreciamos e se tiramos proveito ou não das vantagens do nascimento humano.

Não tem importância se você for homem ou mulher, ou qual seja sua situação particular nesta vida, se você tem fé, confiança e perseverança, se você tem compaixão e sabedoria, você pode atingir o Despertar. Ao contrário, se você for tão somente prisioneiro de sua confusão emocional e se você continuar a deixá-la dominar sua vida, pouco importa que você seja homem ou mulher, será difícil para você atingir o Despertar. Então, se você possui as qualidades necessárias à prática do Dharma, o tipo de corpo que possui não tem nenhuma importância.

A Natureza Última da Mente não é nem Masculina nem Feminina.

A razão desta perfeita igualdade das capacidades diz respeito à natureza mesmo da mente, que não é nem masculina nem feminina. A natureza intrínseca de uma pessoa não é superior à natureza de outra! Em última análise, a natureza da mente, que é vacuidade, claridade e não obstrução, não apresenta nenhuma qualidade limitativa como a masculinidade ou a feminilidade, a superioridade ou a inferioridade. No nível mundano, pode acontecer que a mente de uma pessoa tenha vários véus e, portanto, dificuldades que a mente de outra não. Mas tal circunstância está mais ligada ao karma que ao gênero ou status social de ambas. Mesmo entre diferentes classes de existência não há diferença entre uma mente e outra em última instância. Os profundos ensinamentos do Dharma* do Buda nos fornecem os meios de eliminar os véus e de acessar uma experiência direta da mente.

Partindo de um ponto de vista relativo, existem então diferenças, como por exemplo, o modo pelo qual a encarnação física se processa no nível sutil dos canais e dos centros de energia. Segundo os ensinamentos do tantra, a mente não se encarna da mesma maneira em um corpo masculino e em um feminino. Há variações sutis entre os dois. Na constituição psicofísica do homem há mais força, energia concentrada e direta; na da mulher há mais espaço, ou seja, sabedoria. Estas diferenças relativas deveriam ser sempre compreendidas no contexto da natureza última da mente.

Se as mulheres estudam e praticam os ensinamentos do Buda, compreendendo-os, elas atingirão o Despertar. O mesmo ocorre para os homens.

Na tradição do Vajrayana, as vidas dos Mahasiddhas da Índia servem de modelos na prática do Dharma. Entre eles, encontram-se homens como Tilopa e Naropa e mulheres como Sukhasiddhi e Niguma. Todos atingiram o Despertar, não em razão das particularidades próprias de seus corpos, mas porque eles souberam fazer o melhor uso do nascimento humano.

Tara, a Protetora

Existe, no entanto, um grande Bodhisattva que está sempre associado à forma feminina. É Tara, a Liberadora. Aqui está a história de sua origem.

Há milhões de anos, em um certo universo, um rei tinha uma filha que se chamava Yeshe Dawa, que significa “a Lua da Consciência Primordial”. Na mesma época, esse mundo era habitado por um Buda que se chamava Dönyö Drupa. A princesa desenvolveu uma grande fé nesse Buda e recebeu dele os ensinamentos; em especial as instruções para desenvolver a Bodhicitta, a compaixão para com todos os seres. A princesa fez o voto pessoal de seguir se encarnando como mulher, e de ajudar assim os seres por meio de sua Atividade Desperta, até que atingisse o estado de Buda. Tendo tomado esse voto inicial, associado à sua aspiração pelo Despertar, ela “vestiu a armadura de seu compromisso”. Vencendo todos os obstáculos, ela se engajou com coragem a acumular mérito, a aprofundar sua consciência e a aumentar suas capacidades de ajudar os seres a se liberarem da confusão.

Enquanto ele ensinava o tantra-raiz associado a Tara, o Buda fez o elogio desse grande Bodhisattva: “Tara é aquela que libera e protege os seres de todos os medos e de todos os sofrimentos, quaisquer que sejam. Tara é aquela que fecha as portas dos mundos inferiores, e guia os seres no caminho dos estados de consciência superiores”. Com essas palavras o Buda louvou o poder que Tara possui de nos dar proteção e de nos livrar de todos os medos inerentes à condição humana.

Pode-se também conceber Tara como uma emanção de Tchenrezig, o Bodhisattva da Compaixão. Um dia, vendo o sofrimento de todos os seres do universo, Tchenrezig ficou tão comovido que ele derramou duas lágrimas. A lágrima que correu de seu olho direito

tomou a forma verde do Bodhisattva Tara Verde; aquela que correu de seu olho esquerdo tomou a forma de Tara Branca.

Matchik Drupe Gyalmo e Tipupa

O grande Siddha indiano Matchik Drupe Gyalmo era uma mulher. Por meio de sua prática de Amitayus, o Buda da Imortalidade, ela conquistou uma grande notoriedade. Meditando nesta divindade, ela conseguiu não só atingir o Despertar, realizando assim o objetivo último da prática, mas também a prolongar consideravelmente a duração de sua vida. Conta-se que ela viveu até a idade de quinhentos anos.

Nos tempos em que Matchik Drupe Gyalmo dava ensinamentos na Índia, vivia um grande mestre muito respeitado chamado Tipupa. Sua história pitoresca remonta ao tempo em que Marpa, o Tradutor, vivia no Lodrak, uma região ao sul do Tibete. Marpa, que tinha muitos filhos, tinha a intenção de passar a transmissão a seu filho mais velho, Tarma Dodê, mas esse projeto foi impedido pela morte prematura deste último. Ao cair de cavalo, ele foi vítima de um trauma no cérebro que se revelou fatal. Justo antes de morrer, ele pôde, no entanto, colocar em andamento uma técnica que seu pai tinha lhe ensinado. Ele fez a transferência de sua consciência a partir de seu corpo físico, não em direção a um estado desperto, mas para um outro corpo físico já morto. Para pôr em ação essa técnica, faz-se necessário recorrer ao corpo de um ser humano ou animal morto muito recentemente, que esteja apto a receber a vida de novo. A mente do morto pode então ser projetada naquele corpo inerte e reanimá-lo.

O problema reside evidentemente no fato de que nem sempre é possível encontrar o corpo de um ser que acaba de morrer. Quando da morte do filho de Marpa, percorreu-se todo o país e apenas se conseguiu encontrar um pombo morto. Alguém tinha visto um falcão chocar-se com ele e abatê-lo em pleno voo. Quando o pombo caiu na terra, estava morto. Uma testemunha juntou seu corpo ainda quente e o levou correndo até Marpa. O pombo foi colocado sobre o peito de Tarma Dodê e, como a vida se retirava do corpo do jovem, o pássaro se reanimou, sacudiu suas plumas e se endireitou.

Marpa o guardou durante muito dias, deu-lhe de comer e cuidou-o bem. Então, enquanto ele meditava, ele teve a revelação do que era preciso fazer. Ele falou a seu filho, agora encarnado num corpo de pombo, sobre um crematório que estava na Índia. Marpa conhecia o caminho por já ter lá estado e fez do local uma descrição muito precisa. A partir do local onde vivia, perto da fronteira sul do Tibete, era possível chegar à Índia bem rapidamente, passando pelas colinas himalaias à baixa altitude. “Voe até a Índia”, lhe diz Marpa, “e encontre esse crematório”. Nesse momento preparava-se a cremação de um jovem. “Você poderá transferir a consciência do corpo do pombo para o do jovem e aproveitar assim novamente a existência humana”. Marpa largou o pombo, que descreveu três círculos em torno dele e de sua mulher, antes de voar para o sul.

Quando o pássaro atingiu a Índia e descobriu o crematório, ele caiu bem no meio de uma procissão funerária conduzida por um casal de brâmanes cujo filho de quinze anos, um

rapaz inteligente e cheio de promessas, tinha contraído uma doença contagiosa e morrido subitamente. Como os encarregados do cortejo estendiam o corpo para a cremação, o pombo foi pousar sobre a cabeça do defunto e caiu duro, morto. Em seguida, o jovem despertou e começou a se mover. Ato contínuo, as testemunhas foram tomadas de grande terror e fugiram, pensando que um fantasma tinha tomado posse do corpo. Mas o rapaz conseguiu falar-lhes e convencer a família do brâmane que tinha voltado à vida sem nenhuma intervenção demoníaca.

O rapaz cresceu e se tornou um célebre mestre budista. Por causa do pombo que tinha pousado sobre sua cabeça, as pessoas o chamaram Tipupa, que significa “rapaz-pombo”. Seu verdadeiro nome era Drimê Shenyen, que significa “amigo espiritual imaculado”.

Enquanto Tipupa ainda estava vivo e dava ensinamentos na Índia, o aluno de Milarepa, Rechungpa, decidiu partir em busca dos ensinamentos que a linhagem não tinha ainda recebido. Ele encontrou Tipupa e estudou com ele. Um dia, enquanto ele atravessava um mercado, alguém se aproximou dele e lhe disse: “Mas é o jovem yogue tibetano! Você é bem digno de pena, você não tem mais que sete dias de vida. Que triste!” Rechungpa recebeu um grande choque ao ouvir aquilo e perguntou se tais palavras tinham fundamento. Ele correu para seu mestre Tipupa, que lhe disse: “Parece que a previsão está correta. Um grande obstáculo se anuncia e se você não conseguir vencê-lo com habilidade você morrerá. A melhor coisa que eu posso lhe recomendar é de ir buscar um certo mestre, uma mulher muito hábil na transmissão da prática de Amitayus, o Buda da imortalidade e da longevidade.”

Essa mulher era Matchik Drupe Gyalmo. A chamavam “Matchik, a Única” ou a “Mãe Única”, pois ela dava provas de uma afeição toda maternal para com seus discípulos que a consideravam como sua mãe. Drupe Gyalmo significa “Rainha dos Siddhas”. Tipupa enviou então Rechungpa para receber seu ensinamento. Graças à iniciação e à prática de Amitayus, o perigo que ameaçava sua vida foi afastado. Por essa conexão com Matchik, ele recebeu os ensinamentos que, mais tarde, levou ao Tibete e que foram adotados por todas as linhagens do budismo tibetano, em particular pelos kagyupas, que transmitem ainda hoje a iniciação da longevidade da Rainha dos Siddhas.

Gelongma Palmo

Justo no início do desenvolvimento do Budismo na Índia, antes que os ensinamentos fossem transmitidos no Tibete e em outros países, vivia uma princesa que era a filha de um rei indiano. Era uma jovem de uma beleza e de uma inteligência extraordinárias e que prometia ser uma excelente soberana. Mas eis que ela contrai uma doença muito grave que se parecia com a lepra. Seu corpo se cobriu de feridas abertas que começaram a supurar. Os médicos se consideraram impotentes diante desse mal. Percebeu-se que era perigosamente contagiosa e à medida que seu estado piorava, ela oferecia um espetáculo mais e mais repugnante. Vendo isso, ela rompeu todos os laços com sua vida de princesa, abandonou o palácio, e se instalou em uma eremiária na floresta. Lá ela

toma os votos de monja para consagrar os últimos anos que lhe restavam a viver a prática intensiva do Dharma.

Na mesma época, ela encontrou um mestre que ficou muito tocado com sua situação e se tomou de grande afeição por ela. Este mestre lhe deu a iniciação e as instruções para a prática de Tchenrezig de onze cabeças e mil braços. Muitos anos se passaram durante os quais ela se consagrou essencialmente a essa prática. Durante esse tempo, seu estado se degradava dia a dia, seus membros começaram a apodrecer e seu corpo se cobria inteiramente de feridas abertas que a impediam de dormir. Seus sofrimentos se tornaram insuportáveis; ela estava em agonia. Uma noite, quando ela estava mergulhada num estado de meio sono que era seu modo habitual de dormir, ela teve um sonho, ou uma visão. Ela teve a impressão de que um personagem vestido de branco fulgurante entrava em sua cabana, levando um grande vaso cheio de água clara e que ele derramava essa água sobre todo seu corpo. Ela sentiu em seguida que a doença a abandonava como a pele de uma serpente que se renova, e que seu corpo readquiriria seu aspecto intacto. Ao despertar, ela percebeu que estava perfeitamente saudável, como se não tivesse jamais estado doente. Todo sinal de doença tinha desaparecido. Ela foi imediatamente tomada por uma intensa devoção e se convenceu de que sua cura se devia à bênção de Tchenrezig. Ela se pôs então a rezar e a meditar e o Bodhisattva lhe apareceu diretamente antes de se dissolver nela. Por essa experiência, ela atingiu um altíssimo grau de realização e fez a experiência direta da natureza de sua mente.

Esta monja se chamava Palmo, que significa “a Gloriosa”, e ela é conhecida na tradição sob o nome de “Guelongma Palmo”; Guelongma significa simplesmente “monja plenamente ordenada”. Foi principalmente ela quem desenvolveu e propagou os ensinamentos ligados ao ritual de jejum de Tchenrezig de onze rostos e mil braços. De fato, nos referimos sempre a esta prática muito comum como sendo o método ou a tradição de Guelongma Palmo. Esta constitui a prática principal de muitas pessoas e agora que os lamas tibetanos levaram com eles esta meditação ao Ocidente, numerosos ocidentais praticam também *nyung-ne*, o ritual de jejum.

Niguma, Kyungpo Neljor e Soukhasiddi

Graças à sua imensa sabedoria e a seu perfeito conhecimento, e pelo emprego de métodos extremamente hábeis, o Buda deu os ensinamentos apropriados para neutralizar cada uma de nossas emoções perturbadoras. Sendo estas em número de oitenta e quatro mil, ele deu oitenta e quatro mil ensinamentos tradicionalmente conhecidos sob a denominação de “Coleção dos oitenta e quatro mil”. Vinte e um mil dessas emoções se enraizaram no veneno do desejo, cujos antídotos estão expostos nos ensinamentos do Vinaya, os preceitos da conduta ética. Para eliminar as vinte e uma paixões provenientes da raiva, o Buda apresentou os vinte e um mil ensinamentos que constituem os Sutras. Quanto aos vinte e um mil ensinamentos contidos no Abhidharma, estes são destinados a anular as vinte e uma paixões que decorrem da ignorância. O último grupo de vinte e um mil resulta de uma combinação complexa entre os três

venenos: desejo, raiva e ignorância. Seu antídoto está contido nos vinte e um mil ensinamentos que formam os Tantras, os ensinamentos do Vajrayana.

Os ensinamentos dados pelos Budas não são especulações intelectuais, mas se fundamentam em sua experiência pessoal do Despertar último. Os Budas, tendo abandonado tudo o que se refere a um “meu” ou a um “eu”, dedicam todas as suas ações para o bem de todos os seres, quaisquer que sejam as dificuldades, ficando inteiramente estabelecidos no estado de perfeito Despertar. Estes seres despertados se manifestam por meios hábeis a fim de liberar todos os seres e tomam a aparência adequada para tanto, não importa que forma seja. Assim, os Budas e Bodhisattvas tomam todos os tipos de encarnações: às vezes eles nascem como reis ou rainhas, às vezes como príncipes, ministros, pessoas comuns, camponeses, animais, conforme a forma mais propícia para ajudar os seres e apresentar o Dharma. Às vezes eles aparecem como homens e às vezes como mulheres. Vou contar-lhes a história de duas mulheres, Niguma e Sukhasiddhi, que tinham escolhido apresentar o Dharma de tal maneira que seus ensinamentos continuam a ajudar os seres até nossos dias.

Niguma

Niguma nasceu na Cachemira, país muçulmano, em uma região chamada “o país da grande magia”. Na época do Buda precedente, essa região estava coberta pelas águas e pertencia ao rei dos *nagas*.

Um Arhat, discípulo do Buda daquele tempo, desejava ardentemente construir um templo. Ele foi então pedir ao rei dos *nagas* um pedaço de terreno. O rei dos *nagas* prometeu ceder a ele uma extensão da superfície ocupada pelo corpo do Arhat em postura de meditação. O Arhat aceitou a oferta com gratidão e, quando chegou o momento de tomar posse do local, ele operou um prodígio: seu corpo sentado recobriu toda a superfície da região. O rei dos *nagas* manteve a promessa e ofereceu a região inteira ao Arhat, chamado Nyimê Gung.

Graças a seus poderes mágicos, o Arhat fez desaparecer toda a água; um templo e um monastério esplêndidos foram em seguida construídos. Os habitantes das regiões vizinhas não demoraram a observar a presença desta nova paisagem e, em particular, do templo magnífico. Eles desejaram se instalar nestes locais e discutiram os meios de concretizarem o intento. Finalmente, eles decidiram convidar um grande mágico para criar uma cidade ao redor do templo. Quando isto se concretizou, eles mataram o mágico antes que este pudesse desfazer sua criação mágica, como era costume exigir-se dos mágicos. Então os locais foram habitados e a região tornou-se um local conhecido por seu esplendor e sua grande magia.

Esse local particular tornou-se mais tarde o berço de numerosos mahasiddhas e, entre eles, Naropa. Foi também lá que veio à vida o grande Bodhisattva feminino Niguma. Ela encarnou como irmã de Naropa, numa família nobre e virtuosa. Em vidas anteriores, ela tinha desenvolvido a mente do Despertar e seguiu a via dos Bodhisattvas. Ela tinha então

feito a escolha de retomar o nascimento como mulher e de agir sob essa forma para o bem dos seres, conduzindo-os à Liberação.

Com os outros Mahasiddhas eruditos da época ela pôde concluir sua experiência e sua realização daquilo que ela praticava desde muitos éons. Em sua encarnação como Niguma ela atingiu o perfeito Despertar Último. Todo o seu ser, incluindo sua forma física, transcendeu a existência mundana e ela realizou a perfeita Budeidade em uma única vida.

Quanto aos ensinamentos últimos, Niguma recebeu-os diretamente de Vajradara, o Buda primordial, na forma de iniciação pessoal aos níveis dos Sutras, do Adbhidharma e dos Tantras. Ela se manifestou então como Bodhisattva do décimo nível, o que mostra que mesmo os véus mais sutis de sua mente estavam dissipados. Tendo sua mente se tornado una com a mente do Buda, ela atingiu os Três Corpos do Perfeito Despertar. Desde aqueles tempos até nossos dias, ela tem continuado a se manifestar sob formas sutis ou mais materiais, sempre com o objetivo de ajudar os seres durante tempos ilimitados.

Seu principal discípulo foi o mahasiddha Kyungpo Neljor que nasceu no Tibete e se deslocou à Índia para receber dela a transmissão completa. Concedendo-lhe as transmissões do poder, Niguma confirmou que, no futuro, não só Kyungpo Neljor, mas também todos os seus sucessores e discípulos, teriam a oportunidade de receber a bênção das dakinis, de reencontrar os seres despertados e de atingir a Liberação.

Kyungpo Neljor

Kyungpo Neljor nasceu no ano do tigre em uma família nobre do sul do Tibete. Kyungpo era o nome da família que fazia parte do clã do *kyoung* ou *Garuda*, o grande pássaro legendário, o guardião do Norte. Seu pai se chamava Kyungpo Choujar e sua mãe, Tashi. Assim, seu nome significa “o yogue do clã do Garuda”.

Seu nascimento foi marcado por um presságio: o grande mahasiddha Amogha chegou da Índia voando pelos ares e predisse que aquele menino recém nascido que já possuía uma alta realização iria um dia à Índia para lá receber as transmissões profundas que lhe permitiriam tornar-se um grande guia dos seres.

As qualidades de Kyungpo Neljor começaram a se manifestar enquanto ele estava ainda muito jovem. À idade de cinco anos, ele fez a narrativa detalhada de suas existências passadas e comprovou vidência com relação às suas vidas futuras e do futuro em geral. À idade de dez anos, ele concluiu suas aulas de filosofia, astrologia, astronomia e de todas as matérias que uma pessoa culta deve conhecer. Ao longo de seu décimo segundo aniversário, ele empreendeu seus estudos religiosos, e, começando pela religião Bön e seguindo pelo estudo e a prática dos ensinamentos Nyingma, em particular o Dzogtchen, a Grande Perfeição.

Kyungpo Neljor viajou em seguida pela Índia e estudou junto a numerosos eruditos e seres realizados, especialmente junto a duas dakinis: Sukhasiddhi e Niguma. Ele recebeu delas a essência dos ensinamentos últimos, o que o conduziu aos mais altos graus da via dos Bodhisattvas. Sua mente foi assim estabelecida no estado desperto de Drodj Chang.

Eis como ele encontrou Niguma. Após ter recebido ensinamentos de numerosos grandes siddhas, Kyungpo Neljor pôs-se em busca de mestres altamente realizados capazes de instruí-lo em nível mais avançados. Os mais altos mestres que ele encontrou lhe disseram que, considerando seu grau de realização, ele precisava partir em busca do grande Bodhisattva feminino Niguma, que era inseparável de Dordje Chang por sua realização e os altos ensinamentos que ela detinha.

Kyungpo Neljor perguntou onde ele poderia encontrar um tal ser e lhe responderam que Niguma podia se manifestar aos seres muito puros não importava em que lugar fosse. Ao contrário, os seres infelizes ainda prisioneiros das paixões teriam muitas dificuldades em encontrá-la pois ela tinha dissolvido sua forma física, realizado o corpo de arco-íris e atingido o nível de realização de Dordje Chang. No entanto, acontecia às vezes que a grande Niguma se encontrasse em locais de cremação para presidir, à frente de uma multidão de dakinis, os grandes rituais de oferendas ou ganachakras. Ali poderia haver uma chance de vê-la.

Assim que Kyungpo Neljor ouviu o nome da grande dakini, ele sentiu uma devoção tão forte quanto uma descarga elétrica e seus olhos se encheram de lágrimas. Ele se pôs a caminho em direção ao grande lugar de cremação de Sosaling. Ao longo de todo o caminho, ele dirigiu súplicas constantes às Três Jóias. Quando ele chegou ao cemitério, ele percebeu, sobre sua cabeça, no espaço, a uma altura de sete bananeiras, uma divindade feminina de aparência azulada, que usava finos ornamentos de osso e segurava na mão um tridente e um crânio. Quando ele a fixava pelo olhar, ele via tanto uma deidade única, quanto uma assembleia de dakinis; algumas estavam em postura de meditação, outras dançavam ou faziam gestos graciosos. Ele estava certo de que só poderia se tratar do grande Bodhisattva feminino Niguma; ele começou a se prostrar diante dela implorando-lhe que lhe transmitisse o ensinamento.

Niguma tratou seu pedido com desdém e o colocou em guarda em tom sarcástico : “Eu sou uma dakini comedora de carne e tenho todo um séquito de dakinis como eu. Quando elas chegarem, pode ser que nós te devoremos. Fuja antes que seja tarde demais”.

Mas essas palavras não fizeram tremer Kyungpo Neljor que, longe de empreender fuga, proclama de novo seu desejo intenso de receber a transmissão de Niguma. Niguma colocou, então, suas condições: se Kyungpo Neljor desejasse realmente receber seu ensinamento, era preciso que ele lhe oferecesse ouro. Este tinha felizmente levado consigo quinhentas peças de ouro e ele as jogou em direção da dakini como oferendas. Assim que as peças caíram em suas mãos, Niguma as dispersou no ar e o ouro, em pó, se espalhou sobre toda a floresta. Isto não fez mais do que fortalecer a convicção de Kyungpo Neljor de que ele estava realmente na presença da grande Niguma. Uma dakini comedora de carne teria certamente sentido o apego ao ouro e não o teria espalhado ao acaso.

Com uma confiança crescente, ele continuou a implorar a Niguma. Esta virava a cabeça de um lado, depois de outro, olhando em todas as direções com seus olhos chamejantes. Uma multidão de dakinis se juntou ao redor dela atendendo seu apelo e todas se dirigiram ao trabalho. Algumas construíram palácios, outras construíram mandalas, outras ainda fizeram os preparativos para os ensinamentos e para o ganachakra que viria a seguir.

No dia da lua cheia, Niguma deu finalmente a Kyungpo Neljor a transmissão de poderes, bem como os ensinamentos relativos à profunda prática do sonho. Em pleno meio da cerimônia, ela gritou: “Filho do Tibete, levanta-te!”

Kyungpo Neljor se elevou nos ares, a uma altura de três bananeiras. Levantando seus olhos para Niguma, ele a descobriu no topo de uma montanha de ouro, cercada de uma vasta assembleia de dakinis. Torrentes deslizavam ao longo dos quatro flancos da montanha. Kyungpo Neljor se perguntou em voz alta se aquela montanha se encontrava realmente ali ou se ele era testemunha de um milagre feito pela dakini.

Niguma respondeu: “Quando o oceano do samsara retornar sem altos e baixos, quando todo o apego e toda apreensão do ego estiverem totalmente desenraizados, então todos os lugares e todas as coisas se cobrem de ouro e formam um campo de ouro de desapego. A verdadeira natureza do samsara é como o sonho, como a ilusão. Aquele que realiza pela experiência que todo o jogo dos fenômenos é apenas um sonho, uma ilusão produzida por um mágico, este vai além do oceano do samsara. Para isto, ele deve ter uma devoção imensa em seu Lama. Compreende bem tudo isto. E agora, precisas partir daqui. Vai e toma teu sonho”.

Kyungpo Neljor compreendeu essas instruções e entrou em estado de sonho como Niguma lhe tinha ensinado. Nesse estado, ele recebeu a completa transmissão em três etapas ao longo de seu sonho, inclusive aquela das seis yogas de Niguma. Ao final, Niguma lhe disse assim: “Nesta terra, tu és o único ser que recebeu a completa transmissão dessas doutrinas três vezes em um único sonho”.

No dia seguinte, ela lhe deu de novo três vezes as transmissões completas, bem como explicações detalhadas dessas doutrinas; mas desta vez ele recebeu tudo isso em estado de vigília. Além do mahasiddha Lavapa, Kyungpo Neljor era o único a ter recebido a transmissão das seis doutrinas de Niguma. Ela pediu então para Kyungpo Neljor cumprir o seguinte compromisso: que os ensinamentos se mantivessem em segredo durante sete gerações no interior de uma linhagem de transmissão ininterrupta de um Lama a um só discípulo escolhido a cada geração. Após a sétima geração, seria conveniente que esses ensinamentos fossem divulgados mais amplamente para o bem de todos os seres. Niguma, quanto a ela, faria preces com pedidos e daria sua bênção para que tudo ocorresse assim.

Não há realmente diferença essencial entre as seis yogas de Naropa e as seis doutrinas de Niguma. A única a assinalar se reporta às linhagens de transmissão. As seis doutrinas de Naropa foram transmitidas a Marpa e a seus sucessores; as de Niguma ao grande mahasiddha Kyungpo Neljor. A partir de então, cada uma das duas doutrinas foi transmitida pelos detentores sucessivos de cada linhagem, de tal maneira que a

transmissão kagyü das duas doutrinas de Naropa e de Niguma deu-se sem nenhuma interrupção.

Sukhasiddhi

Em um outro momento de seu caminho espiritual, Kyungpo Neljor questionou o mahasiddha Aryadeva para conhecer aqueles que o ajudariam a progredir em sua compreensão. Aryadeva lhe respondeu que ele tinha, ele próprio, durante sete meses, recebido os ensinamentos de uma dakini detentora de uma altíssima realização e que suas instruções lhe tinham permitido atingir o oitavo nível de Bodhisattva. Para encorajar Kyungpo Neljor a partir em busca dessa dakini que se chamava Soukhasiddhi, ele lhe contou como ela tinha atingido a realização.

Na região da Índia onde tinha vivido Niguma, havia uma grande cidade onde viviam um casal com três filhos e três filhas. Ocorreu que em dado momento abateu-se uma fome terrível, ao ponto de a família não ter mais provisões, além de uma jarra de arroz que conservava como último recurso. Desesperados, os três filhos deixaram a casa familiar para partir em busca de alimento e se puseram a caminho em direção ao Norte. As filhas partiram para o Oeste e o pai para o Sul. A mãe, durante as buscas, ficou no lar. Um dia, ela viu chegar um grande mahasiddha que, graças à sua clarividência, conhecia a existência da jarra de arroz. Ele suplicou àquela mãe que lhe cedesse um pouco de arroz, pois ele não comia há muito tempo. Comovida com tal pedido, vindo de um ser tão virtuoso, ela preparou o arroz, ofereceu-lhe e comeu um pouco ela também.

Quando os outros membros da família retornaram, de mãos vazias, esgotados de fadiga e famintos, eles pediram à mãe que preparasse uma refeição com o arroz da jarra para que eles pudessem comer ao menos uma refeição. Ela lhes confessou que não restava mais arroz pois ela o tinha dado como esmola a um siddha, pensando que um deles ao menos iria trazer algo de comer.

A cólera se apoderou do resto da família: a mãe foi escoraçada do lar e obrigada a partir e viver à própria sorte.

Era a primeira vez que ela deixava sua família e ela foi pedir conselho aos vizinhos. Em todos os lugares, lhe sugeriram ir em direção ao Oeste até Oddiyana, país rico cujos habitantes eram compreensivos e generosos. Lá ela teria chance de encontrar um meio de garantir sua subsistência.

A mãe foi então para Oddiyana e encontrou muita compaixão entre os habitantes. Ela chegou no momento da colheita e lhe ofereceram arroz em abundância. Ela transportou o arroz até uma cidade chamada Bitá e serviu-se dele para fazer o *chang*, um tipo de cerveja. Ela vendeu o *chang* e comprou de novo o arroz. Ela começou assim a ganhar sua vida fazendo cerveja, após abriu um pequeno albergue. Ela contava entre seus clientes uma jovem que vinha todos os dias lhe comprar cerveja e carne. Isso despertou sua curiosidade pois a jovem nunca comia nem bebia nada no local, mas levava tudo consigo.

Para onde ela transportava tudo aquilo? Um dia, ela se arriscou a perguntar à jovem. Esta respondeu: “Muito longe daqui, na montanha, existe um grande mahasiddha chamado Virupa. Ele passa todo seu tempo em meditação. Eu levo a ele todos os dias isso como oferenda”. A mãe refletiu e disse: “Neste caso, eu gostaria verdadeiramente de fazer oferenda de meu chang a esse grande mahasiddha”.

Ela contou então à jovem suas desventuras, seu exílio longe de sua família e a maneira pela qual ela tomava consciência em seus velhos tempos da futilidade das preocupações da existência material. Ela lhe confiou também seu desejo de fazer oferenda de seu chang ao mahasiddha para acumular mérito.

A partir deste dia, ela ofereceu regularmente seu melhor chang ao mahasiddha e a jovem criada se encarregava de levá-lo cada dia a seu mestre. Um dia Virupa perguntou-lhe como ela conseguia levar cada dia o chang e a carne sem nada gastar. Quem fazia essas oferendas? A jovem explicou-lhe que uma mulher idosa, recentemente chegada na cidade, pareceria ter por ele uma grande devoção e lhe fazia diariamente essas oferendas.

O grande mestre disse então: “Hoje, é preciso que essa mulher, que deve ser muito merecedora, venha pessoalmente. Eu a guiarei em direção à completa Liberação”. Ao saber da novidade, a mãe ficou muito emocionada, e levando com ela generosas oferendas de chang e de carne, ela se pôs a caminho para encontrar Virupa.

Quando ela chegou perto dele, ele lhe deu a transmissão de poder. Ela estava efetivamente madura para recebê-la e, em vários pontos, era já quase uma yogini realizada. As transmissões que ela recebeu de Virupa coroaram sua realização e ela tornou-se então uma grande dakini. Esta mulher, que mais tarde levaria o nome de Sukhasiddhi, tinha cinquenta e nove anos quando ela foi rechaçada por sua família. Ela tinha levado um ano para recomeçar uma nova vida e foi aos sessenta e um anos que ela recebeu as profundas instruções de Virupa. Com uma confiança e uma determinação profundas, ela recebeu a totalidade da transmissão e tornou-se uma dakini desperta, não apenas em sua mente, mas também por sua aparência: ela tomou a forma de uma jovem de dezesseis anos.

Sukhasiddhi tinha rompido todos os laços que a prendiam ao mundo dos fenômenos. Ela se consagrava inteiramente à prática. Por sua prática e por sua devoção, ela atingiu as realizações comparáveis àquelas de outras grandes yoginis, tais como Niguma. Como aquelas, ela teve visões de Dordje Chang de quem ela recebeu as transmissões completas. Após ter atingido tais realizações, ele se serviu de seus grandes poderes para se manifestar sob as formas as mais propícias para ajudar e guiar os seres. Desde então, há mais de mil anos, os seres afortunados podem perceber Sukhasiddhi sob a forma de uma mulher portadora de uma juventude eterna.

Tal é o relato da vida e da liberação de Sukhasiddhi que Aryadeva fez a Kyungpo Neljor. Ele acrescentou que, às vezes, no décimo dia do mês, Sukhasiddhi aparecia envolta por uma assembleia de dakinis, no coração de uma certa floresta. Os seres afortunados podiam então encontrá-la ali, desde que ela se tornasse visível a seus olhos.

Kyungpo Neljor, seguindo essas instruções, se dirigiu para dentro da floresta, levando ouro com ele. Lá, acima de um magnífico arbusto espinhoso, se encontrava uma grande dakini, de uma brancura faiscante, fazendo com a mão o mudra do “não-nascido”. Ela estava cercada por uma assembleia de dakinis no meio de um vasto halo de luz. Logo que ele percebeu esse ser extraordinário, Kyungpo Neljor sentiu seu coração invadido por uma extrema emoção. Seus cabelos se arrepiaram em sua cabeça e as lágrimas lhe subiram aos olhos. A presença da dakini fez nascer nele uma imensa felicidade parecida àquela que experimentavam os Bodhisattvas ao atingirem o primeiro nível.

Ele fez oferendas de flores e andou de forma ritual em torno da árvore onde se encontravam a grande dakini e seu séquito. Com o espírito concentrado, ele lhe fez o pedido para ensinar. Sukhasiddhi respondeu-lhe que os ensinamentos que ela detinha eram os mais altos de todo o Vajrayana e lhe tinham sido transmitidos diretamente por Dordje Chang. A condição necessária para recebê-los era a de ter acumulado méritos e de fazer oferendas tais como o ouro. Em seguida, Kyungpo Neljor deveria juntar as mãos em sinal de grande devoção para poder receber a Transmissão do Poder, a Transmissão dos Textos e o Comentário (o *wang*, o *lung* e o *tri* que correspondem às três fases de preparação no Vajrayana). Sukhasiddhi ordenou então a Kyungpo Neljor que se sentasse em atitude de respeito para receber esses altos ensinamentos. Após, ela o olhou e disse-lhe que o precioso nascimento humano, bem como a oportunidade de receber dela o Dharma supremo eram coisas maravilhosas.

Assim, Kyungpo Neljor fez oferendas a Sukhasiddhi e recebeu seu ensinamento. A dakini anunciou-lhe que ele seria no futuro o principal detentor do ensinamento que ela lhe tinha transmitido e que assim esse ensinamento continuaria existindo e permaneceria disponível para o bem de todos os seres. Kyungpo Neljor recebeu as quatro transmissões de poder das seis doutrinas de Sukhasiddhi: transmissões do corpo, da palavra, da mente e da união das três. Essas seis doutrinas são similares às seis doutrinas de Niguma. A seguir, a dakini lhe predisse que ele atingiria o Despertar supremo e que, da terra pura de Amitabha, ele trabalharia pelo bem de todos. A realização de Sukhasiddhi, tal como contida nesses ensinamentos, se perpetuou até os nossos dias graças aos praticantes de numerosos países.

A atividade dos Boddhisattvas desperta a Confiança

Os relatos das vidas dos seres despertados nos fornecem exemplos de conduta próprios a nos inspirarem e a nos darem confiança na possibilidade que temos de seguir seus passos. Nosso compromisso e nossa prática do Dharma podem nos conduzir à mesma realização. Para tanto, nós devemos ter uma convicção e uma determinação muito fortes, como o grande yogue Milarepa. Após todas as tarefas que Marpa o obrigou a executar, Milarepa pôde enfim ver seu mestre como expressão da forma e da essência de Hevajra. Marpa lhe apareceu adornado de todo seu esplendor e de todos os ornamentos daquele yidam. Ele perguntou então a seu discípulo o que lhe havia inspirado essa visão. Milarepa respondeu que ela fez nascer nele a devoção e a confiança, pois ele sabia desde então que seria possível realizar tal estado. O discípulo desenvolveu então a firme aspiração de atingir a mesma realização que seu mestre.

Enquanto seres humanos dotados da faculdade de comunicar, de escutar, de compreender e de explicar, nós devemos apreender claramente a distinção entre o samsara e o nirvana, tomar consciência do que nos é necessário fazer e nos suprir concretamente dos meios de fazê-lo. É isto que o Buda quis nos ensinar.

Quanto mais estivermos implicados no samsara, mais nós sofremos. Assim é. O Buda bem disse: “Quanto mais poderes tivermos, mais infelizes somos, quanto mais riquezas tivermos, mais avaros seremos, quanto mais estivermos envolvidos em situações samsáricas, mais abusaremos de nós mesmos”.

Precisamos compreender que aquilo que desejamos e podemos conseguir, é a felicidade última, indestrutível, além das circunstâncias e dos fatores de condicionamento. Para tanto, devemos renunciar às satisfações temporárias que nada mais são que fantasias e falsas promessas. Nós vamos ao restaurante, nós saímos para os locais mundanos para nos divertir, experimentar um certo sentimento de segurança e para nos levantar o moral uns dos outros. Mesmo que não pensemos assim, nós nos dizemos que tudo é belo, que tudo vai bem, e assim por diante. Mas ao final das contas, terminamos tendo de encarar dolorosamente a realidade. Quanto mais tentarmos fugir do sofrimento, fingindo que ele não existe, mais nós criamos este sofrimento. Não é assim que se procede no Dharma. Se você reconhecer em si próprio a necessidade de atingir o Despertar, você abandonará essas buscas inúteis e enganadoras e você agirá em busca da felicidade última, o que supõe um total compromisso na prática do Dharma.

Os seres despertados, sejam eles dos tempos passados ou atuais, podem nos inspirar admiração e depois devoção. É por isto que devemos seguir seu exemplo, muito presente em nosso coração, e seguir seus passos agindo para atingir a Liberação para nosso bem e o de todos os seres.

